



Economia para Trabalhadores

Ano III, Edição XXIV

Março de 2015

Nesta edição:

Quadro sobre a atividade industrial no Brasil 2

Resumo de Indicadores Econômicos 3

Indicadores da Indústria Catarinense 4

Opinião - Balanço das negociações dos reajustes salariais no Brasil em 2014 5

Apresentação

Caros(as) companheiros(as), esta é a 24ª Edição do Economia para Trabalhadores, o boletim mensal da Subseção do Dieese na Feti-esc.

Na primeira seção deste boletim são apresentados indicadores da indústria brasileira de janeiro deste ano. Houve crescimento na variação mensal da produção e também de alguns indicadores de investimentos. No entanto, quando comparado com o mesmo período do ano passado percebe-se que os indicadores são piores neste início de ano. Segundo dados do Caged, o saldo de empregos é positivo na indústria no primeiro bimestre, mas nos últimos 12 meses o quadro também é de retração.

Na segunda seção, onde é apresentado um resumo de indicadores econômicos, destacamos a alta da inflação para database em março (7,68%). A nossa cesta básica de referência, a de Florianópolis, teve alta de 8,8% nos últimos 12 meses,

chegando ao valor de R\$ 360,00, quase metade do salário mínimo nacional. O salário mínimo necessário, calculado pelo Dieese, atingiu o valor de R\$ 3.180,00 em fevereiro, valor este muito superior a média da remuneração dos trabalhadores ocupados na indústria catarinense. Ou seja, a remuneração do trabalho por aqui, assim como o é por todo o Brasil e a maior parte do mundo, sobretudo nos países da periferia, não é suficiente para repor a força de trabalho. O emprego na indústria de transformação catarinense também começa a apresentar retração na série anual, em fevereiro. Desta seção destacamos ainda a valorização do dólar dos EUA e do Euro. Os dados da balança comercial catarinense, no entanto, evidenciam que o comércio exterior catarinense ainda não absorveu os impactos da desvalorização cambial.

Na terceira seção, que trata dos indicadores da indústria catarinense, houve

uma mudança importante. O IBGE deixou de publicar os indicadores regionais da Pesquisa Industrial Mensal de Empregos e Salários (Pimes/IBGE), que era nossa fonte de informações. A partir deste boletim passaremos, então, a divulgar os dados da pesquisa mensal elaborada pela Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc). Os indicadores de janeiro revelam que a coisa vai mal, com exceção da indústria de material plástico, dentre as observadas.

Na seção final é apresentado um texto de opinião onde realizamos uma síntese do estudo divulgado pelo Dieese sobre o balanço dos reajustes salariais negociados no ano passado. Deixamos nossa opinião quanto as causas prováveis destes resultados, bem como alertamos para a constante ameaça patronal pela flexibilização de direitos, novamente com a ofensiva da terceirização.

Boa leitura!

“Se fossem mais ricos, diriam: são elegantes; se fossem mais pobres, diriam: são vadios. São ociosos, simplesmente.”

(Vitor Hugo, trecho de “Os miseráveis”)

Quadro sobre a atividade industrial no Brasil

Janeiro registra números positivos, mas expectativa para o ano é de retração

Produção

Segundo pesquisa do IBGE, a variação mensal da produção industrial no Brasil registrou crescimento de 2,0% em janeiro, na série com ajuste sazonal. Trata-se de um resultado positivo, porque interrompe variações negativas que aconteceram desde novembro de 2014. Mas este resultado de janeiro não compensa as retrações dos meses anteriores e evidencia que a alta explica-se pela baixa base de comparação. Quando comparada com a produção de janeiro de 2014, a do mesmo mês de 2015 registra queda de 5,2% e quando considerada a série dos últimos doze meses a retração é de 3,5%, a pior desde janeiro de 2010 (-4,8%). Portanto, apesar de a variação mensal em janeiro ser um sinal positivo, não dá para falar em recuperação da atividade industrial neste momento e não há perspectivas de melhora neste ano. O último Focus (20/03) apresenta uma expectativa de queda (-2,2%) na produção da indústria neste ano.

A atividade industrial que mantém resultados positivos em todas as séries temporais é a extrativa. Ela registra crescimento de 2,1% em janeiro com relação a dezembro; de 10,4% com relação a janeiro/14; e de 6,4% nos últimos doze meses. Em janeiro, a indústria de transformação registrou crescimento de 1,8% na produção sobre dezembro. Destaca-se a contribuição do setor de máquinas e equipamentos (7,6%) e de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (9,0%) para este resultado. No entanto, a alta parece ter ocorrido em decorrência de fatores negativos, como a desaceleração da demanda e a consequente diminuição das jornadas de trabalho ou concessão de férias coletivas em várias unidades pro-

duativas como forma de regularizar estoques através da paralisação ou diminuição do ritmo de produção no passado recente.

Empregos

O saldo de empregos na indústria de transformação no Brasil foi de 2.001 em fevereiro, registrando estabilidade (0,02%) com relação ao estoque de janeiro, feitos os ajustes. No primeiro bimestre de 2015 foram gerados 29.539 novos empregos na indústria, uma alta de 0,4% com relação ao estoque de empregos de dezembro de 2014, feitos os ajustes. Nos últimos 12 meses, o saldo de empregos na indústria de transformação é negativo até fevereiro. Foram fechados 235.273 postos de trabalho, o que representa uma queda de 2,8% com relação ao estoque de empregos de fevereiro de 2014.

Estimativa de investimentos

A produção de insumos da construção civil cresceu 3,7% em janeiro, com relação a dezembro de 2014. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, em janeiro de 2015 registrou-se uma queda de 8,7% na produção destes insumos. A produção de bens de capital cresceu 12,2% na variação mensal, mas também registra queda (-16,4%) na comparação com o mesmo mês do ano passado. O faturamento real da indústria de bens de capital mecânicos teve variação mensal de -1,2% em janeiro, mas crescimento de 1,8% com relação ao mesmo mês de 2014.

Comércio exterior

Segundo pesquisa da Funcex, o ano de 2014 fechou com queda de 12,9% (essa taxa seria de -7,3% caso não fossem consideradas as plataformas de petróleo, que foram incluídas em 2012) no quantum exportado de bens manufaturados, de 0,6% nos semimanufaturados e alta de 6,4% nos bens básicos. Dentre as categorias de uso, os destaques foram as

quedas das quantidades exportadas de bens de consumo duráveis (-32,7%) e de bens de capital (-29,9%). Houve alta nas exportações dos bens intermediários (1,4%) e nos de consumo não duráveis (0,4%).

Os índices de preços das exportações brasileiras registraram generalizada queda em 2014, com maior intensidade nas classes de produtos e categorias de uso em que o país exporta em maiores quantidades, o que ajuda a explicar, pelo lado da oferta, o déficit da balança comercial em 2014. O preço dos produtos básicos caiu 8,9% e, pela categoria de uso, os bens intermediários tiveram queda de 7,0%.

Pelo lado da demanda, em 2014 houve queda de 11,7% no quantum de importações de bens de capital e de 12,2% no de consumo de bens duráveis. Nas categorias de uso de consumo não durável e intermediários as variações foram de 0,1% e (-0,6%), respectivamente. A desaceleração dos investimentos e do consumo no mercado doméstico, foi responsável pela retração do quantum importado de bens de capital e de consumo duráveis, já que os preços tiveram leve alta de 0,4% e 1,1%, respectivamente. Já os preços dos bens de consumo não duráveis e intermediários tiveram queda de 1,6% e 2,7%, respectivamente.

Acompanhando estes resultados de quantum e preços, o índice dos termos de troca (preços dos bens exportados pelos preços dos importados) teve queda de 3,4%, enquanto a razão de quantum (quantidade exportada pela importada) apresentou uma redução de 0,6%. Segundo o ledi, o saldo da balança comercial da indústria de transformação apresentou déficit de US\$ 63,5 bi (+6,0% em 2014, com relação a 2013).

Resumo de Indicadores Econômicos

Custo de Vida

Inflação		Fevereiro (%)	Var. 12 meses (%)	
ICV/Dieese		1,40	7,90	
INPC/IBGE		1,16	7,68	
IPCA/IBGE		1,22	7,70	
IGP-DI/FGV		0,53	3,74	
IGP-M/FGV		0,27	3,86	
IPC/FIPE		1,22	6,65	
Cesta Básica	Florianópolis	Fevereiro	Variação acumulada em 12 meses (em %)	8,77
			Valor mensal (em R\$)	359,76

Salário Mínimo Necessário e Piso Regional

Salário Mínimo Nacional	Fevereiro	Valor nominal (em R\$)	788,00
Salário Mínimo Necessário	Fevereiro	Valor nominal (em R\$)	3.182,81
Piso Regional SC	Faixa I	Valor nominal (em R\$)	908,00
	Faixa II	Valor nominal (em R\$)	943,00
	Faixa III	Valor nominal (em R\$)	994,00
	Faixa IV	Valor nominal (em R\$)	1.042,00

Indicadores da Indústria de Transformação Brasileira

	Produção	Pessoal ocupado	Horas pagas	Produtividade	Folha de pagamento real	Faturamento real*
% no mês (Jan/Dez) - com ajuste sazonal	1,8	-3,6	-5,9	8,2	27,8	-2,6
% mês ano anterior (Jan 2015/Jan 2014)	-7,3	-4,1	-5,3	-2,1	-4,8	-8,4
% acum. ano (Jan/2015/idem ano anterior)	-7,3	-4,1	-5,3	-2,1	-4,8	-8,4
% últimos 12 meses (Jan/2014)	-4,7	-3,4	-4,2	-0,6	-1,9	-

(*) Nota: Os dados sobre faturamento real são divulgados pela CNI. Os demais são do IBGE.

Movimentação do Emprego - Indústria de Transformação Catarinense

	Total de Admissões (Qtde)	Total Desligamentos (Qtde)	Saldo (Qtde)	Variação Emprego (%)
Em fevereiro ¹	39.620	30.445	9.175	1,3
No ano ²	74.103	58.781	15.322	2,2
Nos últimos 12 meses ³	369.881	371.102	-1.221	-0,2

(¹) Variação considera o estoque do mês anterior; (²) Variação considera o estoque do mês atual e do mês de dezembro do ano anterior, com ajustes; (³) Variação considera o estoque no mês atual com o estoque do mesmo mês do ano anterior, com ajustes.

Balança Comercial Catarinense

Exportações	Fevereiro	Valor (em mil US\$)	568.424
		Mês/mês ano anterior (em %)	-16,1
Importações	Fevereiro	Valor (em mil US\$)	1.224.108
		Mês/mês ano anterior (em %)	-3,9
Saldo	Fevereiro	Valor (em mil US\$)	-655.684
		Mês/mês ano anterior (em %)	9,9

Câmbio

Dólar dos EUA - venda	Fevereiro	Valor médio mensal (R\$/US\$)	2,82
		(mês/mês anterior - %)	7,2
EURO	Fevereiro	Valor médio mensal (R\$/EUR)	3,19
		(mês/mês anterior - %)	4,3

Fonte: Dieese; IBGE; FGV; Fipec; FIESC; Bacen; Secex/MDIC; MTE.

Indicadores da Indústria Catarinense

A partir desta edição a fonte de informações para estes indicadores passará a ser a pesquisa realizada mensalmente pela Federação das Indústria do Estado de Santa Catarina (Fiesc), com exceção dos indicadores de produção física. O motivo para a mudança é que o IBGE, a antiga fonte, não realizará mais a Pesquisa Industrial Mensal de Empregos e Salários (Pimes) regional (UFs). O órgão manterá apenas a Pesquisa Industrial Mensal (Pim) em âmbito regional. Assim, perdemos as informações desta fonte sobre pessoal ocupado, horas pagas, folha de pagamento real, mas mantemos o indicador de produção, que a Fiesc não divulga.

Os indicadores de produção (Pim/IBGE) revelam que 2015 inicia em baixa para a indústria de transformação catarinense. Na comparação com janeiro de 2014, a produção teve queda de 8,0% e nos últimos doze meses (-2,7%). Dentre os setores observados, o destaque negativo foi o vestuário que teve retração de 22,9% na produção na comparação entre os meses de janeiro, mas de -1,1% nos últimos doze

meses. O destaque positivo, único a apresentar crescimento na produção, foi o setor de materiais plásticos e borrachas (2,3% na comparação com janeiro de 2014 e 1,6% nos últimos doze meses).

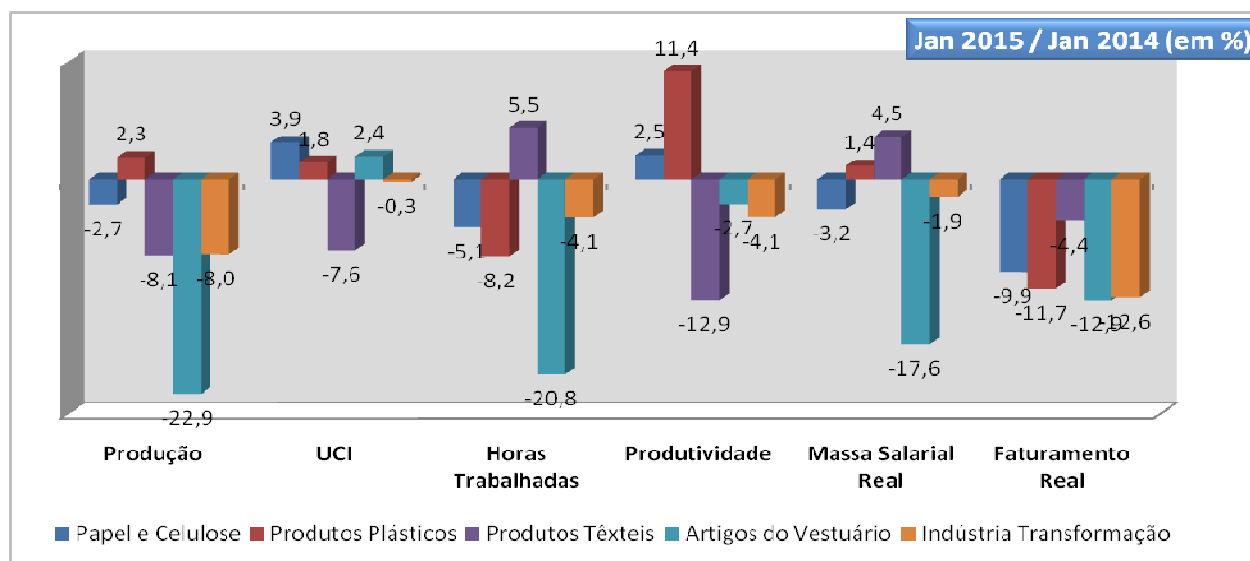
A utilização da capacidade instalada (UCI) da indústria de transformação catarinense atingiu a média de 83,2% em janeiro deste ano, o que corresponde a uma diminuição de 0,3 p.p. com relação a janeiro do ano passado. Dentre os setores observados o único que apresentou diminuição nesta comparação foi o têxtil (-7,6 p.p.), ficando na média de 77,4% de UCI. O setor que apresentou maior crescimento foi o de celulose, papel e produtos de papel que aumentou em 3,9 p.p. a média de UCI em janeiro deste ano, com relação ao mesmo mês do ano passado. Esta média também é a mais alta (93,0% de UCI).

O número de horas trabalhadas na indústria de transformação catarinense caiu 4,1% em janeiro deste ano, na comparação com o mesmo mês do ano passado. Apenas a indústria têxtil apresentou crescimento neste indicador (5,5%). A maior queda foi na indústria do vestuário

(-20,8%), em linha com a queda verificada na produção neste setor.

Segundo a pesquisa da Fiesc, a massa salarial real teve retração de 1,9% na indústria de transformação catarinense na comparação entre janeiro deste ano e do ano passado. Dentre os setores observados, houve crescimento na massa salarial do setor têxtil (4,5%) e do setor plástico (1,4%).

O faturamento real da indústria de transformação catarinense teve queda de 12,6% em janeiro deste ano na comparação com janeiro de 2014. O movimento de queda no faturamento real foi generalizado entre os setores observados. A maior queda foi registrada no setor do vestuário (-12,6%). Além da possível queda no volume das vendas, os preços estão baixos. Segundo o Índice de Preços ao Produtor do IBGE (IPP/IBGE), nos últimos doze meses findos em janeiro o preço médio das mercadorias da indústria de transformação teve alta de 2,9% no Brasil. Nenhum dos setores observados registrou variação nos preços das mercadorias superior à inflação do período.



Opinião¹ - Balanço das negociações dos reajustes salariais no Brasil em 2014

Neste mês de março o Dieese publicou o balanço das negociações dos reajustes salariais do ano passado pelo Brasil. Foram observadas 716 unidades de negociação através do Sistema de Acompanhamento de Salários (SAS-Dieese). Os resultados apontaram para uma melhora generalizada nos resultados obtidos, seja na proporção das negociações que resultaram em ganho real (acima da inflação - INPC), seja na média de reajuste real obtido (1,39%).

Do total da amostragem, 92% das unidades de negociação resultaram em ganho real para os trabalhadores, 6% resultaram em reajuste pelo INPC e 2% não compensaram as perdas, ou seja, tiveram reajuste menor do que a inflação. Em 2013, os resultados que superaram a inflação foram 86,2%; 7,5% tiveram reajuste pelo INPC e 6,3% obtiveram reajuste inferior à inflação.

No ano passado, acreditava-se que os resultados das negociações tenderiam a ser piores para os trabalhadores, devido às expectativas de baixo crescimento econômico e inflação pressionada, fatores que acabaram se confirmando no ano. Entretanto, como se viu, os resultados das negociações foram melhores. No balanço dos resultados do primeiro semestre, os números já surpreendiam. No segundo semestre, os resultados positivos mantiveram-se. Cabe destacar, no entanto, que diferentemente dos anos anteriores, em 2014 a média dos resultados reais obtidos no primeiro semestre (1,50%) superaram os do segundo (1,16%).

“Parece que, além da dinâmica do mercado de trabalho, a capacidade de mobilização e luta da classe trabalhadora deverá ser determinante não apenas para manter os reajustes salariais, mas outros direitos que estão ameaçados.”

Quase metade das negociações (44,8%), resultaram em ganho real na faixa de 1,01% a 2,0%. O maior reajuste real foi de 5,1%, o mais baixo entre todos os maiores registrados desde 2008. O menor reajuste real foi de -0,88%, também o menor e, neste caso, o melhor resultado desde 2008.

O setor do comércio obteve os melhores resultados em 2014, com 98,2% das negociações resultando em ganhos reais e a média deste ganho sendo de 1,47%. Na indústria, 90,9% dos reajustes foram maiores do que a inflação e a média de reajuste real foi de 1,38%. O setor de serviços registrou 89,2% de unidades de negociação que obtiveram ganho real, estando este na média de 1,35%.

Pelo recorte geográfico, o estudo apresenta que o maior proporção de unidades de negociação que resultou em reajustes reais foi na região Sul (93,6%) e a menor na região Norte (89,6%). Com relação ao reajuste real, as melhores médias foram no Nordeste e Centro-Oeste (em ambas, 1,48%). No Sul, a média real de reajuste foi de 1,42% e no Sudeste foi de 1,36%. As negociações inter-regionais tiveram reajuste real médio de 1,05% e na região Norte esta média foi de 1,17%.

O estudo do Dieese considera as negociações pelo tipo de instrumento também. Neste caso, as convenções coletivas de trabalho, que abrangem categorias de trabalhadores, tiveram melhores resultados do que as negociações de acordos coletivos de trabalho, onde as negociações acontecem especificamente com a empresa. Naquelas a proporção de ganhos reais foi de 94,2%, enquanto nestas foi de 75,0%.

O estudo publicado pelo Dieese se restringe em apresentar os resultados, como vem sendo feito desde 2008, não tendo o objetivo de analisar as causas que podem ser diversas. Avaliando os resultados apresentados no estudo, parece-me possível deduzir que alguns fatores foram determinantes para as negociações no ano passado:

i) a inflação mais alta no segundo semestre, certamente contribuiu para corroer os ganhos reais nas negociações deste período;

ii) a desaceleração da economia igualmente parece ter contribuído, já que foi se concretizando no decorrer do ano;

iii) o impacto desta desaceleração no mercado de trabalho (ainda que este tenha fechado o ano bastante aquecido), os resultados pelos setores econômicos evidenciam melhora mais que proporcional nos resultados das negociações no comércio e serviços, em relação à indústria, considerando os anos anteriores, e percebemos que maior desaceleração da ocupação ocorreu na indústria;

iv) a eleição presidencial pode ter tido um impacto relevante também, ao mexer com expectativas tanto dos patrões, quanto dos trabalhadores, sendo por vezes um acontecimento levado em consideração nas ações de mobilização.

Considerando estes elementos e o quadro econômico para este ano, com expectativas do mercado apontando para recessão econômica e inflação mais alta durante todo o período, acrescido das medidas do ajuste que tendem a "esfriar" o mercado de trabalho, a tendência não é de manutenção dos resultados positivos na comparação anual.

Parece que, além da dinâmica do mercado de trabalho, a capacidade de mobilização e luta da classe trabalhadora deverá ser determinante não apenas para manter os reajustes salariais, mas direitos que estão ameaçados. O acesso a alguns já foram restringidos e o horizonte da "flexibilização" dos direitos trabalhistas segue como pauta principal na agenda "modernizadora" da classe patronal, com o PL 4330, de autoria do deputado Sandro Mabel (PMDB/GO), podendo ser aprovado na Câmara no início do próximo mês.

(¹) Mairon E. Brandes, economista.



Economia para Trabalhadores - Ano III, edição XXIV, março de 2015. Periodicidade mensal. Subseção do Dieese na Fetiesc.

EXPEDIENTE DA FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE SANTA CATARINA - Presidente: Idemar Antonio Martini; **Vice-Presidente:** Rosane Sasse; **Secretário Geral:** Landivo Fischer.

EXPEDIENTE DO DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE - Direção Técnico: Clemente Ganz Lúcio; **Coordenação Executiva:** Patrícia Pelatieri; **Coordenação Administrativa e Financeira:** Rosana de Freitas; **Coordenação de Educação:** Nelson de Chueri Karan; **Coordenação de Relações Sindicais:** José Silvestre Prado de Oliveira; **Coordenação de Atendimento Técnico Sindical:** Airton Santos; **Coordenação de Estudos e Desenvolvimento:** Angela Schwengber; **Supervisor Regional do Dieese/SC:** José Álvaro Cardoso; **Técnico Responsável pelo Boletim:** Mairon Edegar Brandes.

Subseção do Dieese na
Fetiesc
Rua 321, n 79 – B. Meia
Praia
Itapema – SC
CEP: 88.220-000

Tel: (47) 3268-5600
Email:
dieese@fetiesc.org.br